



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NA POESIA DE DIVA CUNHA

Maria de Fátima de Lima Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - fatimallima@hotmail.com

No cenário contemporâneo da literatura norte-rio-grandense, Diva Cunha é representante da uma poesia moderna, livre de rótulos, que nasce das mais diversas fontes de influência ou inspiração. Dentre os lugares frequentemente visitados em sua poética estão o fazer poético, a cidade e a mulher tendo esse último, como traço marcante, a escrita do corpo, um falar como mulher que revela uma tendência de escrita feminina de autoconhecimento e autodescoberta. Essa escrita procura libertar a mulher da linguagem falocêntrica governada pelo patriarcalismo. É essa linguagem insubmissa à disciplina patriarcal que encontramos na poesia de Diva que, desde sua primeira publicação, tem nos apresentado com uma poesia feminina, na qual o corpo se manifesta em diferentes faces. Esse trabalho tem por objetivo analisar algumas representações do corpo feminino numa seleção de poemas de Diva Cunha com base na tipologia proposta por Elódia Xavier em *Que corpo é esse: o corpo no imaginário feminino* (2007) e nas proposições da crítica literária feminista.

Palavras-chave: Diva Cunha, poesia, escrita feminina, corpo, crítica feminista.

1 INTRODUÇÃO

Desde as nossas primeiras manifestações literárias, as mulheres estiveram presentes no cenário norte-rio-grandense, começando por Nísia Floresta, Auta de Sousa e Izabel Gondim, que em suas épocas já prenunciavam a forte presença feminina no meio literário potiguar. Na contemporaneidade, Diva Cunha é representante da uma poesia moderna, livre de rótulos, que nasce das mais diversas fontes de influência ou inspiração. Um dos traços marcantes de sua poética é a escrita do corpo, um falar como mulher que revela uma tendência de escrita feminina de autoconhecimento e autodescoberta.

A *écriture féminine*, termo cunhado pela teórica Hélène Cixous, é uma atitude de escrita ou linguagem, que por meio de uma inscrição fonética do corpo feminino abre-se e acolhe a diferença do outro (BONNICI, 2007). Neste artigo, fazemos uma abordagem deste tema a partir de uma seleção de poemas da poetisa Diva Cunha a partir de estudos sobre a crítica feminista e as tipologias do corpo de Xavier (2007).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A necessidade de se ampliar os estudos sobre a autoria feminina advém do fato de que, embora, na contemporaneidade, haja certo reconhecimento da representatividade das mulheres na literatura, a escrita feminina no decorrer da história foi marcada por toda sorte de preconceitos. Por isso, consideramos que pesquisar a literatura feita por mulheres é necessário, sobretudo quando analisamos a escrita feminina e suas relações com o corpo.

Para Woolf, “a própria forma da frase masculina é demasiado desgarrada, demasiado pesada, demasiado pomposa para uso das mulheres” (WOOLF, apud MACEDO; AMARAL, 2005, p. 52). Woolf foi precursora ao lançar as bases do argumento fundamental da *écriture féminine* desenvolvido pela crítica feminista francesa, que defende ser preciso escrever a partir do corpo, como podemos observar na fala de Cixous (1975, apud MACEDO; AMARAL 2005, p. 52): “escrever. Um ato que não só materializa a relação isenta de censura da mulher com a sua sexualidade, consigo mesma (...). Inscreve a respiração da mulher completa.” É essa escrita que encontramos na poesia de Diva Cunha na qual a presença de temas referentes ao corpo e à sexualidade feminina, colocam a mulher como sujeito agente do desejo e não como objeto dele.

2 SETE FACES DO CORPO EM DIVA CUNHA

A ensaísta Elódia Xavier em *Que Corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007) apresenta uma investigação a respeito das manifestações da corporalidade nas narrativas de autoria feminina apresentando dez tipologias diferentes para essas manifestações: *o corpo invisível; o corpo subalterno; o corpo disciplinado; o corpo imobilizado; o corpo envelhecido; o corpo refletido; o corpo violento; o corpo degradado; o corpo erotizado; e o corpo liberado*. A autora parte de uma tipologia de corpos criada pelo sociólogo Arthur Frank, que apresentava quatro tipos: *o corpo disciplinado, o corpo refletido, o corpo dominante e o corpo comunicativo*. Os dois primeiros tipos foram reaproveitados pela pesquisadora e os últimos apenas serviram de sugestão para *o corpo violento e o corpo liberado*, respectivamente, já que o autor trabalha no campo da sociologia e as características



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nem sempre se adequam ao âmbito literário, “espaço de uma outra realidade” (XAVIER, 2007, p. 184).

A importância de falar sobre o corpo advém do fato de que, ao longo da história, o corpo foi estigmatizado em detrimento da mente. Segundo Grosz a desvalorização social do corpo é forte aliada da opressão feminina. Ela afirma que “o corpo é o que não é mente, aquilo que é distinto do termo privilegiado e é o outro” (apud XAVIER, 2007, p. 48). Para a autora o pensamento misógino tem a ver com o binarismo mente/corpo e é responsável pela discriminação feminina.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma autojustificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas mesmas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado. (GROSZ apud XAVIER, 2007, p. 20).

A citação de Grosz ilustra a influência da oposição mente/corpo sobre a dicotomia masculino/feminino, conseqüentemente associada a positivo/negativo, que coloca a mulher em lugar secundário, fazendo dela “o outro”. O vínculo feminino ao corpo, e do masculino à mente abrevia a área de atuação das mulheres, que acabam limitadas às “exigências biológicas da reprodução, deixando aos homens o campo do conhecimento e do saber” (XAVIER, 2007, p. 20). Decorre daí o grande interesse por parte da crítica feminista em abordar a questão do corpo posicionando-o diversas vezes no centro das questões do debate teórico.

Das tipologias usadas por Xavier, utilizaremos três: *o corpo liberado*; *o corpo erotizado*; e *o corpo disciplinado*; as demais tipologias aqui apresentadas foram criadas para dar conta das manifestações corpóreas presentes no *corpus* poético escolhido para este estudo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diva Maria Cunha Pereira de Macedo, Diva Cunha, nasceu no dia 10 de dezembro de 1947, em Natal-Rio Grande do Norte e tem se revelado desde a sua primeira publicação, *Canto de Página* (1986), “uma poetisa madura, com extrema capacidade de manejo do verso e com uma dicção própria”, como afirma Constância Lima Duarte na contracapa de *Armadilha de Vidro* (CUNHA, 2004). Cunha publicou os seguintes livros de poesia: *A palavra estampada* (1993); *Coração de Lata* (1996); *Armadilha de Vidro* (2004) e *Resina* (2009), livros em que a poetisa reforça a noção de que a poesia tem de lidar com a emoção e a razão, tentando atingir o equilíbrio possível entre essas tensões (DUARTE; MACEDO, 2001).

2.1- O CORPO LIBERADO

O afeto não conta
o que conta é o gesto
com que contas minhas costelas
descendo com decisão
o corpo pela mão.
(CUNHA, 2004 p.23)

No poema “O afeto não conta” a poetisa apresenta o elemento “corpo”, como metáfora da ação do sujeito no ato do desejo. O eu lírico feminino evoca o toque das mãos do outro, preferindo a precisão e a decisão desse contato e recusando, naquele momento, o afeto que “não conta”, optando, portanto, pelo prazer livre do vínculo afetivo. Nesse poema identificamos a presença do *corpo liberado* (XAVIER, 2007) já que a excitação e o prazer são uma escolha do eu lírico. O corpo liberado se caracteriza pela negação do modelo de feminilidade (passividade e submissão) produzido pelo patriarcalismo. Cunha coloca o eu lírico feminino como agente do prazer, que vive sem repressões e sem medos a sua existência no universo.

2.2- O CORPO EROTIZADO

Um ligeiro arrepio
na curvatura morna



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do ventre
avisa a mulher
que ela (ainda) é:
coisa de asa
coisa de carne
coisa da coisa
que exulta ao toque
do que ousa.
(CUNHA, 2004, p 29)

Em “um ligeiro arrepio”, notamos a alusão ao corpo feminino apto para o prazer, o *corpo erotizado*. Segundo Xavier (2007, p. 157): “trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer”. Nesse poema, notamos a presença de versos brancos, assimétricos e livres, com a repetição da palavra “coisa” que reforça a intenção da poetisa em não conceituar ou definir a mulher em sua complexidade. O verso “um ligeiro arrepio na curvatura morna do ventre” alude à excitação do eu lírico e essa excitação avisa que seu corpo não foi feito apenas para proporcionar prazer ao outro, mas para usufruir dele.

2.3- O CORPO DISCIPLINADO

Uma chuva fina
balança a cortina
que desaba ao chão

aflitas virgens
abrem felizes
o seu roupão!
(CUNHA, 2004, p. 31).

A poetisa também toca em outros temas do universo feminino, às vezes com bom humor e sarcasmo, como no poema "Uma chuva fina", em que tematiza a virgindade, verdadeiro bastão de resistência à libertação das mulheres ao longo da história. A virgindade constituía um valor supremo para a mulher, cultuada à imagem e semelhança da Virgem Maria. Na poesia de Cunha, as virgens, aflitas por ter seu corpo interdito ao prazer, se despem dos seus roupões para se deixarem tocar pela chuva. O corpo intocado é um *corpo*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

disciplinado e dócil objeto e alvo do poder masculino, que lhe impõe “limitações, proibições e obrigações”. Para Xavier (2007, p. 58) “as instituições – Família, Igreja, Escola e Estado – são agentes que contribuem para a dominação”. A disposição de versos curtos reforça a noção de euforia que a chuva desperta nas virgens, enquanto a simplicidade da linguagem transmite grande densidade ideológica.

2.4- O CORPO SEDUTOR

Fazei de mim
poderes do alto
a mais Madalena
das mulheres
recolhendo nos cabelos
o suor do homem
que não me salvará.
(CUNHA, 2004, p. 37).

No poema “Fazei de mim” vemos a referência à personagem bíblica Madalena e a alusão à passagem em que ela enxuga os pés do Cristo com os cabelos em *Lucas 7:44*, (PERROT, 2006). O eu lírico evoca os “poderes do alto” numa súplica, para que a tornem “a mais Madalena das mulheres”. Nas gravuras e imagens, Madalena é representada com uma farta cabeleira que simboliza, ao mesmo tempo, o pecado e o arrependimento, a perdição e a salvação. Por sua beleza e sedução Madalena se configura na tipologia do *corpo sedutor*, pois se enquadra no estereótipo da mulher fatal, disseminado na literatura. A sexualidade e o poder de sedução que Madalena transmite a afastam do mito da feminilidade, que consiste na crença de que a mulher é naturalmente simpática, altruísta, obediente, meiga e submissa. Ademais, ela é a imagem oposta da Virgem Maria, venerada pela pureza, castidade e obediência.

A parte do corpo evidenciada no poema é cabelo feminino que merece um olhar mais atento devido à simbologia a que remete. O cabelo é a insígnia da mulher, da carne, da tentação e da sedução e sugere sua proximidade em relação à animalidade, ao sexo e ao pecado (PERROT, 2006). Cunha, nesse poema, insere o corpo feminino num ato de extrema



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sedução que remete ao erotismo e ao desejo. O eu lírico evoca o divino e ao mesmo tempo nega-o, optando pela perdição, consciente de que o homem do qual ela recolhe o suor, “não a salvará”.

2.5- O CORPO INSUBORDINADO

O que não faço pra te agradar
visto versos, tiro o soutien
caio líquida nos teus braços.

O que não faço pra te arrastar
dos longes onde te escondes
para dentro do meu corpo
fundo e perdido.

O que não faço para te ver
sorrindo assombrado
com os ventos fortes
que vergam como mastros
as tardes
enquanto, doce escorre
a tua mão
na minha pele.

Serei mulher de circo
cigana de tranças
mentirosa e fútil
pingando ouro e grife
viúva verde
chorando tédio
nos quintais.

Tudo farei
sem remorsos ou pudor
para te ter inteiro
que partida
estou.

(CUNHA, 2004, p. 39).

Nesse poema vemos a presença do *corpo insubordinado*, pois dele partem as ações que geram o momento de sedução e o ato de erotismo. Vemos a presença de um eu lírico que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não enxerga limites na busca pelo prazer e da satisfação mútua com o outro. O fato das ações que o eu lírico desencadeia serem para agradar o amado não colocam o corpo em posto secundário nem em lugar de submissão, pois as mesmas ações que agradam ao amante são fruto e consequência do desejo e do prazer feminino.

Segundo Bataille, “o erotismo busca incessantemente fora dele um objeto do desejo” (1980, p. 27) já que “somos seres descontínuos” (p.16). No verso “enquanto doce escorre/a tua mão/ na minha pele”, a poetisa inclui o toque, o contato como mecanismo de excitação para ambos e em seguida evoca as múltiplas mulheres que a habitam, nenhuma delas conotando estereótipos de fragilidade ou de submissão. Em suma, o corpo feminino deixa de ser o outro, o objeto de desejo e passa a ser agente do desejo. A descrição do ato erótico-amoroso pela mulher rasura a disciplina imposta ao corpo feminino pelo patriarcalismo, expondo o corpo, um corpo insubordinado.

2.6- O CORPO REALIZADO

No meio do corpo
há uma bala
- fogo e sangue –
no seu bojo escuro
resguardada
a via do seu voo
- ave mortal –
são as esquinas
em que me sonho maior e desigual
amada e possuída
viajada
nave
água
vida.
(CUNHA, 2009.p. 119).

No poema “No meio do corpo” há a representação do *corpo realizado*, pois remete ao sujeito satisfeito, quando a relação afetivo-erótica culmina no ápice do prazer, o gozo. As palavras que nos levam a essa conclusão são as que encerram o poema: “água/vida”. A “bala”, “fogo e sangue”, alude ao sexo feminino, que arde e sangra “no meio do corpo”; o fogo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

remete à chama do desejo que emana do sexo e o sangue à menstruação. O sangue menstrual era considerado imundo e aquele que se aproximasse ou que tocasse a mulher quando estivesse menstruada também seria imundo. Para Ana Maria Domingues (2009), a menstruação é asseveração da maturidade sexual da mulher desassociada da procriação, pois, ao menstruar, a mulher está desperdiçando a oportunidade de gerar um filho, negando assim, a obrigação bíblica da multiplicação.

A bala se encontra protegida “no seu bojo escuro” referindo-se à veste íntima da mulher. A via do voo desta “ave mortal” é o desejo que, para Derrida, (1987 apud BONNICI, 2007), é impossível conhecer o seu discurso. As esquinas, em que eu lírico se sonha maior e desigual, são as vias do prazer, da realização sexual. Bonnici (2007, p. 241) define a sexualidade como “a prática sexual e a realização de desejos variegados e diversificados no comportamento sexual humano”.

A sexualidade quando relacionada à feminilidade era definida pela ausência fálica e pela passividade. Feministas, como Irrigaray (1993) e Cixous (1994), têm criticado essa visão buscando mostrar que a sexualidade feminina é positivamente múltipla, ilimitada e progressiva rejeitando a ideia de ela se reduz a uma fórmula simples de ausência e de passividade, além de enfatizar a criatividade da mulher e ressaltar o conceito de *jouissance* (BONNICI, 2007). A conotação do termo foi cunhada por Lacan (1975) e designa o prazer orgástico especificamente feminino. A *jouissance* é um termo técnico do feminismo e algumas feministas assim o descrevem:

A jouissance feminina contém a noção de fluidez, difusão e duração. É uma espécie de tampa no mundo dos orgasmos: uma doação, fruição e distribuição do prazer sem nenhuma preocupação com conclusão ou fechamento (MARKS; COURTIVRON, 1980 apud BONNICI, 2007, p. 163).

É essa distribuição e fruição de prazer que Cunha empresta à sua poesia, o que leva a subversão à dominação masculina, ao apresentar a mulher realizada “amada e possuída”. Essa posse não advém de coisa que se toma, mas de uma mulher que se entrega ao ato amoroso, no



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

qual seu corpo torna-se um corpo realizado, onde ambos, homem e mulher, viajam para os mesmos caminhos: “água/vida”.

2.7- O CORPO SOLITÁRIO

Não há bosque nesta estação
por onde passeia o corpo
só a solidão
com suas finas unhas
que descascam a pele
e põe à mostra
a carne
quase morta.
(CUNHA, 2009, p.120).

No poema “Não há bosque nesta estação” vemos a manifestação do *corpo solitário*, em conflito com o meio, o que amplia sua sensação de isolamento. A solidão é tema frequente na poesia masculina, onde os poetas evocam a angústia causada pela ausência da “mulher amada”, esta, quase sempre representada dentro do mito da feminilidade criado pelo patriarcalismo. Neste poema é a mulher que, solitária, passeia numa estação sem bosque, tendo como única companhia a solidão a descascar com “suas finas unhas” a pele que deixa a carne à mostra. Como somos seres incompletos e inconstantes necessitando de um convívio social, de interação com terceiros, a solidão, o isolamento e a dificuldade de se comunicar são causas de patologias no mundo moderno, e talvez por isso, entre outros possíveis motivos, seja temática dos poetas de ontem e de hoje. A poetisa evidencia essa ausência ao colocar o eu lírico a passear numa estação sem bosque, lugar de encontros e de flores e que remete a uma esfera de romantismo.

A pele descascada pela solidão deixa à mostra a “carne quase morta”, metáfora para a exposição dos sentimentos do eu lírico, que revela sua tristeza e sensação de retraimento. O tema da solidão é frequente e comum tanto para os poetas quanto para as poetisas, com a ressalva de os universos serem outros, o que se reflete na forma de abordagem do assunto.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Cunha toca num tema clássico da poesia, mas de maneira feminina expressando com a pele, a carne e o corpo, a carência de uma mulher, configurando assim, o corpo solitário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo analisamos a presença do corpo e algumas de suas manifestações na poesia de Diva Cunha, destacando diferentes tipologias, cujo objetivo foi entender alguns traços da escrita feminina da autora, sua escrita subversiva e a presença do corpo feminino que se apresenta em diferentes faces e assim, concluímos parcialmente a apresentação das tipologias de corpos empregadas nas análises dos poemas. As mulheres representadas na poética da poetisa falam por incontáveis mulheres, que sonham, que amam, que sentem e que gozam. As tipologias aqui apresentadas não esgotam o assunto.

Em entrevista concedida ao Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) de Literatura norte-rio-grandense, Letras – UNP (Universidade Potiguar), quando perguntada sobre a existência de uma escrita feminina Cunha afirmou:

Eu admito sim, acredito que nenhuma mulher pode escrever igual a homem, pois o universo da mulher é diferente. Acho que alguns temas são comuns, mas a abordagem é diferente. Os temas são universais como: o amor, a morte, o ciúme. Eu falo nos poemas da maneira como eu me sinto, porque eu sinto como mulher, eu não sou homem e nem conseguiria falar como tal. (CUNHA, 2012)¹.

A própria poetisa assume na sua escrita a autoria feminina, consciente do seu discurso subversivo ao patriarcalismo, em consonância com as teorias propostas pela crítica literária feminista, fazendo livre uso do *parler femme* (IRIGARAY, 1977 apud MACEDO; AMARAL, 2005), para construir suas personagens e imprimir emoções diversas sob a ótica do universo feminino.

¹ Entrevista disponível em <www.literaturanorteriograndense.blogspot.com/>. Acesso em 05/01/2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os estudos sobre mulher e literatura revelam instigantes reflexões sobre o universo feminino nos textos assinados por mulheres e merecem maior visibilidade da crítica e maior destaque no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (orgs). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamentos, 2005.

BATAILLE, G. **O erotismo**. 2ª. ed.. Tradução de João Benard da Costa. Lisboa: Moras, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CUNHA, Diva. **Armadilha de Vidro**. Natal: Una, 2004.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira (Org.). **Literatura Feminina do Rio Grande do Norte: Antologia**. 2ª ed. Ver. E aum. – Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto. Secretaria de Tributação, 2001.

PERROT, Michelle. **Uma história de mulheres**. Porto: Edições Asa, 2006. Coleção Ler & Saber.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. **A rosa que sangra na poesia de Maria Teresa Horta**. In: Anais do XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura Memórias, Representações, Trajetórias. Natal: Universidade Potiguar, 2009, p. 74-85.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: Abordagens teóricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.